

Homens negros em *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo

Black men in Canção para ninar menino grande, by Conceição Evaristo

Luana Gabriela Paslawski
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
paslawskiluana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9022-9287>

Maria Mirtis Caser
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
mirtiscaser@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9247-8199>

RESUMO

O objetivo é analisar a ficcionalização dos homens negros no romance *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, observando nos personagens os impactos das opressões de gênero, classe e raça, que os impediriam de exercer plenamente a masculinidade hegemônica patriarcal. Diante da imagem de seres violentos e hipersexualizados que lhes é atribuída, os homens assimilam e reproduzem práticas sexistas, o que reforça a urgência de repensar o modelo de masculinidade hegemônica seguido por eles. Homens e mulheres negros(as) compartilham bases próximas, possibilitando um convívio mais igualitário, já que, em termos de raça e classe, ambos são afetados de forma semelhante. Assim, o romance é apresentado à luz da crítica feminista negra, segundo bell hooks (2022) e Lélia Gonzalez (2020).

Palavras-chave: Conceição Evaristo - *Canção para ninar menino grande*; homens negros; raça; classe; gênero.

ABSTRACT

The objective is to analyze the fictionalization of Black men in Conceição Evaristo's novel *Canção para ninar menino grande*, examining how the characters reflect the impacts of gender, class, and racial oppression, which prevent them from fully exercising patriarchal hegemonic masculinity. Faced with the image of violent and hypersexualized beings attributed to them, men assimilate and reproduce sexist practices, which reinforces the urgency of rethinking the hegemonic masculinity model they follow. Black men and women share similar foundations, enabling a more egalitarian coexistence, as both are similarly affected by racial and class oppression. The novel is presented through the lens of Black feminist criticism, drawing on bell hooks (2022) and Lélia Gonzalez (2020).

Keywords: Conceição Evaristo – *Canção para ninar menino grande*; black men; race; class; gender.

INTRODUÇÃO

O último romance de Conceição Evaristo publicado até o presente momento,¹ *Canção para ninar menino grande*, de 2018, apresenta discussões sobre “[...] as contradições e complexidades em torno da masculinidade de homens negros e os efeitos nas relações com as mulheres negras” (Evaristo, 2022, n.p.). Nele, é narrada a história de mulheres, contadas a partir do encontro com Fio Jasmim, o protagonista do romance, que, apesar do casamento marcado com Pérola Maria, segue em cada parada de uma nova estação em busca de uma satisfação que nunca é plena. Essa história é recolhida por Juventina, uma das mulheres que fazem parte dessa trajetória. Após uma relação de longos anos, ela decide pôr fim ao caso com Fio e sair em busca das histórias de outras mulheres e de entender suas formas de amor, como ensina Constância Lima Duarte:

O resultado dessa experiência será a “Canção para ninar menino grande”, que depois oferecerá a ele. Uma canção composta ‘mais de vocalização e murmúrios do que de palavras’, arrisco dizer, parece ter sido feita de sons emitidos pelo par durante a realização de um ato amoroso e, como tal, a sonoridade teria o poder de acalmar e fazer dormir o homem-criança (Duarte, 2020, 145).

O maquinista de moleira aberta, tido como sem juízo, um sedutor, retoma por diversas vezes a insatisfação com a impossibilidade de alcançar lugares como os brancos, atormentado pela lembrança de não ter sido escolhido para ser o príncipe na infância devido a sua cor, travando assim uma luta simbólica com o branco, a qual descobre que jamais poderá ganhar, pois trata-se de uma disputa desigual.

A partida de Tina marca o começo da mudança de Fio Jasmim, dando conta de suas ações, principalmente no que se referia às mulheres, nesse contexto machista em que, mesmo concedendo certos privilégios aos homens, também os coloca em sérios dilemas. Em síntese, esse romance: “[...] além de explicitar o projeto de escrivência de Conceição Evaristo, propõe ainda a denúncia e questionamento do patriarcado” (Duarte, 2020, p. 137), o que a nosso ver justifica um estudo sobre as possibilidades de recepção da obra.

¹ O mais recente livro da autora não é um romance. *Macabéa: Flor de Mulungu*, ilustrado por Luciana Nabuco, foi lançado pela Oficina Raquel em novembro de 2023. Trata-se de uma versão ampliada do conto publicado no livro *Extratextos 1: Clarice Lispector – personagens reescritos*, organizado por Vera Giaconi e publicado pela Oficina Raquel em 2012.

Ressaltamos a complexidade dos personagens que constituem o romance, sempre apresentando mais de uma faceta ou justificativa por trás de seus atos e não permitindo conclusões precipitadas. São essas nuances que despertam interesse de entender os personagens homens negros. Em se tratando do lugar de fala da autora, sua literatura é centrada em personagens mulheres, mesmo assim, apresenta personagens masculinos importantes para a construção narrativa. Há um cuidado da autora em retratar o homem negro para além dos estereótipos frequentemente relacionados a eles, problematizando-os e rompendo-os, construindo, com essa estratégia, personagens masculinos que ocupam posições de destaque dentro da narrativa. Nessa direção, a autora afirma:

Não quero colocar os homens só na situação de derrota ou na posição de sujeitos cruéis, em textos de minha autoria. Eles têm também histórias de dor e de suplantação dos sofrimentos. Também me incomoda a ausência de heróis negros na literatura; tenho de encontrar uma maneira de dar um protagonismo aos homens negros (Evaristo, 2020, p. 43-44).

Ao analisar as relações entre homens e mulheres negros(as), a escritora considera: “As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam” (Evaristo, 2009, p. 18). Para a filósofa Lélia Gonzalez (2020), esse “não atinar”, em certos momentos, ocorre devido ao sexismo proveniente da reprodução da ideologia dominante sexista por esses homens. No entanto, homens e mulheres negros/as compartilham de bases muito próximas, permitindo estabelecer um plano mais igualitário de convivência, porque, em se tratando das opressões de raça e classe, ambos são afetados de maneira muito semelhante.

Considerando as experiências de Fio Jasmim e os maquinistas, o objetivo geral deste artigo é examinar a ficcionalização dos homens negros no romance *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, com ênfase nas opressões de gênero, raça e classe, em busca de comprovar a hipótese de que há momentos em que os homens negros não se dão conta do sexismo enfrentado pelas mulheres. Para comprovar tal conjectura, apropriamo-nos da colocação feita pela própria Evaristo (2009). Analisamos as opressões de classe e raça, que afetariam ambos os sexos de maneira semelhante e que podem apresentar explicações para entendermos suas ações; em seguida tratamos do ponto de divergência, o de gênero, partindo sempre dos personagens do romance.

RAÇA E CLASSE: ORIGEM DOS PAPÉIS QUE RESTRINGEM

A partir das discussões levantadas por bell hooks em *A gente é da hora: homens negros e masculinidade* (2022), pensamos as condições que impedem os homens negros de exercerem com plenitude a masculinidade hegemônica patriarcal, as dimensões raciais e de classe, e que, conseqüentemente afetariam suas relações com as mulheres negras. Segundo a autora, “Na cultura patriarcal, todos os homens aprendem um papel que restringe e confina. Quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero” (Hooks, 2022, p. 33). Desse modo, os homens negros enfrentam questões que lhes impossibilitam dispor dos “benefícios” de ser homem em uma sociedade patriarcal, por não se encaixarem nas demais diferenças dominantes.

Entendemos que a noção de raça, segundo autores como Quijano (2005), refere-se a um conceito que depende do contexto histórico e social, moldando as relações de poder de cada época. Embora a questão de classe seja central para pensarmos as sociedades capitalistas, em que estamos inseridos, ela não é o único entrave nas relações. Conflitos raciais, sexuais, religiosos e culturais existiam antes do surgimento do capitalismo e, ainda que adquiram nele novas formas, não terão fim junto dele. Por isso, é necessário conhecer as lutas de raça e de gênero para entender o capitalismo, já que o domínio de classe integra também a intersecção de opressões. Sobre isso, Gonzalez observa:

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo. [...] não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente [...] (Gonzalez, 2020, p. 46).

Em *Canção para ninar menino grande* (2022), a história do protagonista Fio Jasmim é contada à medida que conhecemos cada nova mulher a cruzar seu caminho, mesmo que a maioria delas entrem e saiam de sua vida mais rápido do que o trem conduzido por ele. A narrativa inicia e encerra com Tina, com quem ele mantém uma relação extraconjugal durante 35 anos, e quem compõe e dedica a ele a música que intitula o livro (Duarte, 2020).

Nesse personagem observamos uma certa dualidade, visto que ele expressa a figura “[...] do homem conquistador e do conquistado; do sedutor e do seduzido; do assediador e da vítima de assédio” (Duarte, 2020, p. 138). Um aspecto que merece destaque é o nome do protagonista, um elemento que sempre tem muito a dizer nas obras de Evaristo. Embora Ferdinand de Saussure tenha defendido em seu *Curso de linguística geral* (2006) a arbitrariedade do signo, e essa postura parece acordada pelas várias correntes linguísticas, essa arbitrariedade, talvez, não se aplique aos nomes próprios de pessoa. De acordo com David Lodge (1998, p. 65) a escolha dos nomes do(a)s filho(a)s obedece ao desejo de que o nome seja benfazejo e possa beneficiar de alguma forma o nomeado. Para o autor o mesmo acontece na ficção, onde os nomes adotados pelo autor se relacionam com as características das personagens. É o que se pode constatar no nome Fio: conforme o caminhar da narrativa, a sucessão de acontecimentos que colocam em questão a masculinidade aderida por Fio, o que pode estar relacionado às prováveis conotações de seu nome: “[...] fio-corte de um instrumento; e jasmim-flor, que remete à sensualidade e ao erotismo do perfume que melhor se revela à noite. Sem esquecer que ‘fio’ é ainda a corruptela de filho – que permanece para sempre dependente e imaturo...” (Duarte, 2020, p. 138). Nesse último ponto destacado por Duarte, vemos que, até certo momento, Jasmim segue de fato sendo dependente e imaturo, tido como o menino sem juízo de moleira aberta.

Outro aspecto importante referente ao nome é apresentado no sobrenome utilizado pela família de Neide Paranhos da Silva, a primeira mulher a ter sua história contada. O “Paranhos” é herdado por sua família durante a escravização; o que chama atenção é o fato de no caso de Neide ser subvertido o sentido inicial apresentado por Duarte (2006), em que era atribuído o sobrenome da família escravocrata aos escravizados para identificá-los enquanto seus. Para a família de Neide, manter o sobrenome representa uma reivindicação daquilo que foi conquistado às custas dos seus:

A manutenção do nome dos descendentes dos antigos colonizadores, cuja família era tradicional na cidade, para o clã descende de africanos escravizados, ganhara um sentido de enfrentamento aos brancos ‘Paranhos’. Para além de ser um destino histórico, era uma velada reivindicação de uma fortuna familiar dos brancos, que em grande parte era de pertença dos negros ‘Paranhos’ (Evaristo, 2022, p. 23).

Tal qual o sobrenome “Silva”, ter o sobrenome Paranhos expressa a impossibilidade de resgatar seus nomes de origem africana, faz parte também de uma afirmação contra as injustiças enfrentadas pelos sujeitos escravizados e seus

descendentes, aqueles que têm suas origens apagadas. Não por acaso, é dentro desse contexto que Fio recorda o episódio da infância ao pensar nos pés de Neide, referência ao conto de Cinderela. Agora ele tinha na sua presença uma “Cinderela negra”, e, diferente da lembrança que o amargurava, poderia ser o Príncipe negro:

Se naquele dia, quando tinha apenas oito anos de idade, a professora, Dona Celeste, depois de ter contado a história da Cinderela, impediu que ele encarnasse o papel de príncipe, chamando, para o jogo cênico, um menininho loiro, ele agora poderia ser tudo. Seria então o Príncipe Negro da noite e encontraria tantas mulheres, tantas cinderelas, quanto o seu coleguinha branco, com certeza, estava encontrando na vida. Eles eram homens. E, que surgissem na sua frente. Eram iguais, ele o homem branco, assim pensava Fio Jasmim... (Evaristo, 2022, p. 22).

Esse excerto revela a mágoa guardada por Jasmim diante daquilo que, por um certo tempo – como enuncia a narradora –, não percebia. Ele até poderia ser homem como o branco, mas mesmo compartilhando o gênero isso não seria suficiente para torná-los iguais. Fio segue em busca de reparar esse episódio enfrentado quando criança, utilizando aquilo que ele enquanto homem negro poderia usufruir a seu favor: o sexo, como arma para alcançar o fim que deseja, conquistar muitas mulheres e, por meio disso, enfim igualar-se ao branco. A afirmação de sua masculinidade e seu potencial para conquistar mulheres não se dá unicamente por essa razão, da mesma maneira que observamos em Luandi, personagem de *Ponciá Vicêncio* (2017), o pai de Fio Jasmim, Máximo, ocupa o lugar de modelo a ser seguido e, como veremos adiante, esse personagem influencia os atos do filho por meio de suas práticas e ensinamentos.

Outros homens que endossam as práticas do rapaz são seus companheiros de trabalho, os maquinistas, mais velhos e experientes, que se divertem com as aventuras do jovem, como se de alguma forma eles fizessem parte das proezas. Contudo, quando em uma de suas aventuras esquece o tempo e atrasa a partida do trem, Fio é severamente repreendido pelos maquinistas. Não tendo como justificar o primeiro atraso em cerca de cem anos da Companhia Ferroviária Nacional, o erro de Fio é tachado de inconcebível no comentário da narradora:

Máquinas estragam, trilhos partem, ribanceiras despencam, águas invadem estações...Homens não podem falhar, não podem perder a hora e, se adoecerem, devem avisar antes para serem substituídos ou então trabalhar doentes, para morrerem segundos depois, ao deixarem o posto de trabalho. Como Fio Jasmim cometera tamanha irresponsabilidade? Aquilo não era papel de homem, não era... E essa foi a única vez, em toda a carreira profissional de Fio Jasmim, em que ele perdeu a hora de trabalho. Ele sabia o tamanho de seu erro. Seu pai, seus tios, seus primos mais velhos, todos os homens de sua família eram homens de trabalho. Homens de ferro, de barro não, pois barro quebra... (Evaristo, 2022, p. 48-49).

O trecho do romance contempla o que Vergès (2020) afirma serem os “corpos-húmus do capitalismo”: a sociedade patriarcal capitalista não é afetada por esses homens e mulheres, cuja vida é considerada supérflua; pelo contrário, devem morrer, caso seja preciso em função do bom funcionamento de seu trabalho. E, podemos estabelecer um diálogo com *Ponciá Vicêncio* (2017), na menção aos homens de barro que, diferentemente dos de ferro, aqui identificados, se quebram. Essa imagem ainda pode ficar mais evidente ao pensarmos no homem de barro que representaria o avô feito por Ponciá –, uma vez que quebra, em vários sentidos: ao não cumprir com o seu papel masculino de sustento e proteção, ao sucumbir ao desespero e tentar tirar a própria vida, ao matar a esposa, ao tornar-se um estorvo incapaz de sustentar a si próprio. O que se espera de um homem (Fio representa esse homem) em uma sociedade patriarcal racista, é que ele desempenhe o papel desse poder em seu lar e performe características estereotípicas atribuídas ao negro.

A partir das condições discutidas, buscamos destacar a complexidade daquilo que compõe as vivências desses sujeitos negros perpassada por questões de classe e raça, categorias que não se excluem entre si, mas se acumulam.

HOMENS NEGROS E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Assim como os brancos, os homens negros também utilizam seu privilégio de gênero, ainda que limitado por questões de raça e classe. Veremos os desdobramentos dessa imersão na masculinidade hegemônica que, por vezes, levaria a uma adesão a práticas patriarcais e opressivas, focando em dois aspectos importantes no romance relacionados à masculinidade negra: as práticas de violência contra mulheres (violência patriarcal) e a sexualidade compulsiva (hipersexualidade).

Como apontado por Miriam C. dos Santos (2018), pode-se identificar nas obras de Evaristo uma problematização dessas práticas de violência, uma vez que não aparecem enquanto característica natural inerente aos indivíduos, mas sim na construção dessa identidade afetada pela masculinidade hegemônica, o que provoca a possibilidade de mudança dos personagens ao longo da narrativa. Tudo isso é apresentado a partir do projeto estético de Evaristo que repercute uma coletividade.

Violência e patriarcado

Utilizamos aqui o conceito de bell hooks de violência patriarcal que consiste: “[...] na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva” (Hooks, 2021, p. 116). Esse conceito é utilizado para reforçar a conexão com a dominação masculina, diferenciando-o da chamada violência doméstica, frequentemente tratada como uma forma de violência de menor letalidade em comparação àquela que ocorre fora da vida privada, mesmo sabendo que a maior parte dos casos de violência física e assassinatos de mulheres acontece em seus próprios lares (Hooks, 2021).

Em *Canção*, Tina ou Juventina Maria Perpétua, uma das mulheres que fizeram parte da vida de Fio, relata aquilo que sabia sobre o sexo masculino:

Da mãe, sempre escutara que homem era o bicho mais perigoso, principalmente se fosse muito bonito. E completava a fala dizendo que eles não passavam de meninos grandes que viviam agarrados às saias das mulheres em busca de proteção ou de brinquedos. Brinquedos esse em que, se a mulher não cuidasse, não desconfiasse ela mesma, o corpo dela poderia se transformar em joguinho nas mãos deles. [...] Os julgamentos a respeito delas eram mais variáveis; apresentadas sempre como mais humanas, a não ser quando abandonavam os filhos (Evaristo, 2022, p. 89-90).

Nesse excerto do romance, é reforçada a imagem socialmente construída a respeito dos homens, com destaque para sua imaturidade e para os desejos da carne, enquanto as mulheres são associadas a uma imagem de benevolentes, em razão do papel esperado da maternidade, uma função que lhes concede algum prestígio, por isso, quando esse imaginário de ser de fato mãe não se concretiza, a humanização atribuída à mulher se desfaz.

A partir de Oyěwùmí (2020) podemos pensar que para homens e mulheres negras, em se tratando dos papéis de cada um dentro da organização familiar, pode haver dinâmicas não baseadas na concepção eurocêntrica, uma vez que vêm de contextos plurais, neste caso, composto por sujeitos ex-escravizados e seus descendentes. Nesses espaços, cultivaram-se, mesmo durante a escravização, antigas organizações – com alterações ao longo do tempo – que podiam ou não ter passado por uma estruturação com base no gênero. Exemplo disso é observado em comunidades de religiões de matrizes africanas e em outros espaços da cultura negro-brasileira, de acordo com Gonzalez (2020), onde a mulher negra desempenha funções de destaque.

Além disso, esse modelo feminino forte, marcado por influência da mãe, se dá também pela ausência, não apenas do pai e do irmão, mas da figura masculina em geral. Esse aspecto é destacado quando se trata da infância de Tina:

Do pai, Tina nada conhecia, tivera poucos contatos com ele na infância. E, assim que foi ficando mocinha, a mãe a proibiu de falar com ele. Tina não se incomodou, o pai não lhe fazia falta, estava acostumada com a inexistência dele. Como não tivera a presença da figura paterna nem a proximidade de outros homens, como padrasto, avôs, tios ou qualquer parente masculino, Tina cresceu desconhecendo os homens. Sua mãe, tias, irmãs, primas e amigas compunham o seu mundo bipartido. As mulheres aqui, os homens lá longe, afastados (Evaristo, 2022, p. 90).

Essas mulheres crescem com uma percepção diferente sobre gênero, seja por papéis fora dos padrões ou pela própria ausência de um modelo masculino. Isso em parte se deve a um processo que tem seu início ainda durante a escravização, gerando papéis de gênero ainda mais problemáticos. O discurso da emasculação dos homens negros decorre da ideia de que eles eram “[...] simbolicamente castrados porque as mulheres negras cumpririam, muitas vezes, o papel principal de provedora da casa [...]. Nem todas as famílias negras se preocupavam com o fato de as mulheres negras ganharem mais, desde que os homens negros controlassem esses ganhos” (Hooks, 2022, p. 54). Não se tratando apenas das mulheres que trabalham ou não fora de casa, mas sim do controle dentro da esfera privada que é retido, muitas vezes, na mão de seus companheiros. Portanto, “[...] os homens negros que estão mais preocupados com castração e emasculação são aqueles que absorveram as definições patriarcais supremacistas brancas de masculinidade” (Hooks, 2022, p. 55).

Nas palavras de Heleieth Saffioti (1987, p. 29), “[...] a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina”. Considerando as especificidades da masculinidade negra, a hierarquia baseada no gênero assume a forma de uma máscara no intuito de reprimir os impulsos que não seguem o padrão determinado. Esses papéis de gênero são naturalizados por meio de diferentes mecanismos, que vão desde leis, propagandas, educação no âmbito escolar e familiar, dentre outros.

Ainda que haja essa supremacia masculina aparente no discurso de Fio, as mulheres com quem se envolve não naturalizam a subordinação feminina. Neide Paranhos desejava um filho de Fio, nada mais, mesmo sendo ele o conquistador, é ela que determina a única coisa que queria de um homem, um filho. Angelina, ao ser enganada por Fio, com quem acreditava que casaria, um sonho que tanto desejava realizar, acaba

por tirar a própria vida. Contudo, Pérola Maria, sua esposa, desempenha o “papel da mulher”: a boa mãe e esposa, que suporta as relações extraconjugais de Fio: “[...] pouco resta a ela a não ser parir, e fazer de seus filhos a razão de sua existência” (Duarte, 2020, p. 141). Fio apenas consegue ocupar esse lugar masculino de poder e cultivar o sentimento de superioridade em relação às mulheres porque, em seu lar, há uma mulher, Pérola, que é por ele assujeitada.

Portanto, é o espaço privado que homens sem poder na vida pública encontram para exercer seu domínio e como reitera Segato (2021; 2018), o homem colonizado que parte da massa proletária sofre a pressão do capital em seus empregos precários e tem a chance de dentro desse espaço ocupar o posto de representante dessa mesma pressão colonizadora. Assim, ao tirar o espaço privado da responsabilidade do público, despolitizando-o, as mulheres, que estão mais suscetíveis aos acontecimentos nele desenrolados, não possuem voz política, logo, o cotidiano doméstico fica vulnerável ao poder desse representante.

Mesmo que o sexismo esteja presente entre aqueles que enfrentam juntos outras opressões, a interseccionalidade das categorias de gênero, raça e classe revela que o lugar ocupado pelo homem negro é controverso. Quando associamos o sexismo e o racismo aos homens negros, como explica Bairros (1995), há uma distorção nas condições masculinas de privilégio, que, na realidade, estão ausentes nas masculinidades marginalizadas:

A percepção de que o homem deve ser, por exemplo, o principal provedor do sustento da família, o ocupante das posições mais valorizadas do mercado de trabalho, o atleta sexual, o iniciador das relações amorosas ou agressivo não significa que a condição masculina seja de superioridade incontestável. Essas mesmas imagens cruzadas como racismo reconfiguram totalmente a forma como homens negros vivenciam gênero. Assim o negro desempregado ou ganhando um salário minguado é visto como o preguiçoso, o fracassado, o incapaz. O atleta sexual é percebido como um estuprador em potencial, o agressivo torna-se o alvo preferido da brutalidade policial. Só que estes aspectos raramente são associados aos efeitos combinados de sexismo e racismo sobre os homens que reforçam o primeiro na ilusão de poder compensar os efeitos devastadores do segundo (Bairros, 1995, p. 461).

Contudo, no que se refere aos pontos de divergência, os quais são significativos por diversas razões, as mulheres negras seguem sendo as mais atingidas por esse sistema. A violência desferida contra as mulheres pode ser lida a partir do seguinte entendimento de Fanon (2020), que recorre ao conceito de catarse coletiva: “Em qualquer sociedade, em qualquer coletividade, existe, deve existir, um canal, uma porta de saída, por onde as energias acumuladas sob a forma de agressividade possam ser liberadas.” (Fanon, 2020,

p. 161), portanto, sempre haverá a necessidade de encontrar maneiras de lidar com essa energia. Hooks apresenta como a violência cometida por homens contra mulheres alcançou um grande destaque na mídia estadunidense em casos como de O. J. Simpson, evidenciando a importância de abordar a interseccionalidade de raça, gênero e classe na análise de casos de violência doméstica, além de examinar o papel dos meios de comunicação na construção de narrativas sobre crime e justiça. Mesmo assim, não eram questionadas as razões por trás desses acontecimentos:

O pensamento sexista continua a apoiar a dominação masculina e a consequente violência. Como uma multidão de homens desempregados e da classe trabalhadora dentro do patriarcado de supremacia branca não sente que tem poder no trabalho, eles são incentivados a sentir que o único lugar onde terão total autoridade e respeito é em casa. Homens são socializados por grupos de homens de classe dominante a aceitar a dominação no mundo público do trabalho e acreditar que o mundo privado da casa e dos relacionamentos íntimos vai restaurar neles o senso de poder, que eles equiparam à masculinidade (Hooks, 2021, p. 120-121).

A postura sexista do homem negro é compreendida aqui enquanto forma de suprir os efeitos do racismo e da posição ocupada na hierarquia social, resultando em sua incapacidade de atender às expectativas do papel de homem criado pela masculinidade patriarcal. Outra característica marcante nos personagens masculinos, frequentemente associada ao que se convencionou atribuir à sua “natureza”, é a habilidade de esconder as emoções. Embora muitas vezes vista como uma demonstração de força, essa habilidade é, na verdade, reflexo de problemas históricos e sociais, como a escravização do povo negro, o racismo estrutural e a imposição da masculinidade hegemônica, todos associados ao controle social. Sobre isso, Constância Duarte afirma “[...] permanece preso ao estigma de ser macho, de não revelar fraquezas e negar qualquer frustração, pois desde cedo aprendera a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento menos másculo. Os benefícios do patriarcado via de regra têm um custo, e um dia ele terá que pagar” (Duarte, 2020, p. 138).

No caso de Fio Jasmim, essa característica é especialmente destacada: uma habilidade adquirida ao longo dos anos, que se aplica tanto à tristeza quanto à felicidade, manifestando-se na capacidade de mascarar aquilo que sente.

Um ponto importante a ser considerado, partindo de hooks, é que “[...] homens não são as únicas pessoas que aceitam, perdoam e perpetuam a violência, que criam essa cultura de violência. Insisto que mulheres devem assumir a responsabilidade do papel delas na aceitação da violência” (Hooks, 2021, p. 121). Nesse sentido, as mulheres

desempenham um papel significativo na perpetuação ou transformação dessa cultura. Entre os espaços fundamentais para promover mudanças está a maternidade, que, embora não deva ser idealizada, oferece uma posição estratégica para romper com a chamada *pedagogia da crueldade*. Esse conceito, elaborado por Segato (2021), descreve o papel assumido pelo homem colonizado que, ao interiorizar os valores opressores da colonização, se torna um “colonizador portas adentro. Trata-se do homem da classe trabalhadora que, apesar de ser explorado diariamente, reproduz dentro do lar as mesmas dinâmicas de opressão. Dolores, uma das mulheres que cruzam o caminho de Fio e com quem ele teve filhas, reflete sobre as figuras materna e paterna a partir de suas vivências ao cuidar das crianças:

A mãe caminhou até o quarto das duas, elas dormiam na mesma posição do pai, sem nunca ter contemplado o sono ou o rosto dele. Que pai inventar para as filhas? Que mãe ser para as filhas? Ela não era invenção, era concreta, era palpável na vida das meninas. Como ser então? Como ser então? O pai nunca seria, como nunca foi o pai dela, vítima da brutalidade do avô Belizário. E o pai das meninas? Não era por quê? As meninas não terem pai, a culpa era dela por essa falta, essa ausência na vida de suas filhas (Evaristo, 2022, p. 75).

Dolores pensa na ausência da figura paterna e sua importância, mas considera a relação complexa de encontros e desencontros vivida com os homens. É de se destacar na escrita de Evaristo a consideração de que mulheres negras não devem agir como algozes dos homens negros, pois a sociedade já desempenha esse papel, postura defendida pela autora em entrevista concedida ao *Mano a mano* (2023). Mesmo havendo uma distinção significativa entre as opressões enfrentadas por ambos os sujeitos negros, faz-se necessário um cuidado ao tratar dessas diferenças. Vale lembrar que são os homens as primeiras vítimas da lógica patriarcal, impondo suas organizações hierárquicas que se iniciam desde o ambiente familiar, preparação para o instante em que começam a integrar a sociedade (Segato, 2018).

A sexualidade compulsiva

Com a colonização, a sexualidade também foi ressignificada dentro de um âmbito moral, fundamentada na visão colonial que instituiu a ideia de pecado. Nesse contexto, como aponta Segato (2021, sem página): “A exterioridade colonial-moderna – que inclui a exterioridade da racionalidade científica, a exterioridade gerencial e a exterioridade que busca expurgar o outro racializado, como discutiram Aníbal Quijano e Walter Dignolo – tem o caráter pornográfico no olhar colonial.”

Essa perspectiva atribui um significado sexualizado ao corpo racializado, reforçando um sistema de controle e exclusão. Dessa forma, o diferente passa a ser enquadrado dentro daquilo que o colonizador conhece: quando mulheres apresentaram comportamentos entendidos por eles como masculinos, elas foram definidas como masculinizadas, enquanto homens com características consideradas femininas eram vistos como feminilizados, ainda que nenhum deles seja considerado de fato homem ou mulher. Nesse processo, homens e mulheres negros foram presos a representações estereotipadas, que os identificavam como figuras objetificadas ou como aqueles que objetificavam sexualmente o outro (Conrado; Ribeiro, 2017, p. 79).

A hipersexualização, inicialmente um estereótipo atrelado ao homem negro, tornou-se, após sua internalização, parte de uma ideia de “ser homem”. Esse processo contribui para a criação de uma imagem de controle sobre esses corpos, como observa Collins (2019, p. 136), pois estabelece de forma prévia o que ele deve ser. Assim como vimos a relação do homem negro com a violência, partimos agora para tratar de sua sexualidade, marcada também na literatura por representações caricatas.

Fanon descreve no contexto antilhano como perdura a concepção colonial de que “[...] o negro tem uma potência sexual alucinante” (Fanon, 2020, p. 172). Essa ideia associa o homem negro a uma de sua suposta obsessão com o órgão sexual e à necessidade de possuir uma potência assombrosa, concebida como símbolo de uma superioridade que, na verdade, é fruto do desejo branco. Embora o autor lembre que essa superioridade não é real e que todos sabem disso, a questão é que essa percepção foi naturalizada na compreensão daqueles que o pressupõem (Fanon, 2020, p. 173).

Diante dessa crença, alguns homens aderem ao imaginário do negro como sujeito insaciável, representante da força e da potência sexual. Fio Jasmim exemplifica essa figura ao viver dentro das expectativas do imaginário colonial e patriarcal. Desde jovem, ele aprende que sua virilidade é seu maior atributo, repetindo o comportamento do pai, Máximo Jasmim. Nessa lógica, Fio é levado a desviar a consciência dos sofrimentos que causa às mulheres com quem se relaciona, direcionando as ardências da consciência para as ardências da carne:

Fio Jasmim, com os seus vinte anos, em vésperas de casamento com Pérola Maria, já tinha conhecido várias mulheres. Ele gostava da liberdade daquelas que se diziam e que se portavam como livres. Como o pai, Máximo Jasmim, ele repetia que o homem, o macho, nada tinha a perder. Os maquinistas, homens mais velhos, tendo idade inclusive para serem pais do moço, parabenizavam o gosto do rapaz por mulheres. Diziam que o jovem ajudante de maquinista trazia em si algo rijo, inquebrável como os ferros do trem de

ferro. E gargalhavam até se contorcerem com as piadinhas insossas que criavam, cuja base provocadora do riso era sempre o duro ferro dos homens a açoitar as mulheres (Evaristo, 2022, p. 20).

Fio, longe de ser um herói, é um personagem que nos confronta com as controvérsias do mundo masculino, onde os homens crescem internalizando práticas sexistas. Por meio de seus modelos, o pai e outros mais velhos, ele incorpora o valor de sua virilidade, servindo ao mecanismo de dominação baseada no gênero, internalizado por meio de reafirmação constante de princípios e atitudes (Duarte, 2020). Ele segue assim em busca de mulheres: “[...] em sua necessidade de desejar e ser desejado, como se a posse do feminino fosse imprescindível para alimentar seu narcisismo” (Duarte, 2020, p. 142). É na busca por seguir os passos dos homens que o rodeiam que Jasmim identifica o mandato da masculinidade, que, diferente da feminilidade, é uma posição hierárquica valorizada e, assim como um título, pode ser mantido ou não (Segato, 2018). Nesse sentido, quando Fio sofre um acidente, a preocupação de proteger recai sobre aquilo que o faz sentir-se homem:

Ainda bem que as coisas mais importantes do corpo dos homens e das mulheres ficavam entre as pernas. Já pensou se Fio Jasmim tivesse com o tombo amassado os ovos e não machucado a cabeça? Como haveria de ser? As mulheres não iam querer mais nada com ele? Homem desmiolado continua sendo um homem. Agora, um homem com os ovos amassados não passaria de um galo velho inútil para qualquer galinha, até as velhas (Evaristo, 2022, p. 78).

Nesse excerto, fica evidente a redução do sujeito ao órgão sexual, a parte passa metonimicamente a valer pelo todo, Fio apenas poderia ocupar a posição de privilégio – com suas ressalvas ao privilégio de fato obtido por homens negros – enquanto pudesse performar o ato sexual. E esse desejo sexual não deve partir de outro lugar senão do homem. Collins (2019) argumenta:

Como a Jezebel ou hoochie é construída como uma mulher cujo apetite sexual é, na melhor das hipóteses, inadequado e, na pior, insaciável, basta um pequeno passo para que ela seja imaginada como uma “aberração”. E, como uma aberração, seus parceiros sexuais também passam a ser estigmatizados. Por exemplo, a hipermasculinidade frequentemente atribuída aos homens negros reflete certas crenças acerca do apetite sexual excessivo deles. Ironicamente, o apetite sexual excessivo de Jezebel a masculiniza, porque ela busca sexo da mesma forma que um homem (Collins, 2019, p. 157).

Quando Fio conhece Aurora, moça que assim como ele é apreendida como desprovida de juízo: “Ela sentiu um leve vazio, um ligeiro afundamento no crânio de Fio Jasmim. [...] Descobriram-se. Tinham a moleira aberta [...]” (Evaristo, 2022, p. 47).

Verifica-se que, enquanto é esperada de Aurora uma mudança em suas ações, sendo castigada por não se adequar ao comportamento feminino esperado, como ao tomar banho nua nas águas do Rio Naipã, não se exige contenção dos homens que a seguem para observá-la. Alguns desses homens até se envergonhavam de suas próprias ações, enquanto outros: “[...] como audaciosos machos, achavam que não precisariam e nem conseguiriam se educar. Eles eram homens, homens!” (Evaristo, 2022, p. 43). A transgressão masculina é aceita ou, no mínimo, vista como algo impossível ou desnecessária de ser corrigida. À mulher cabe o dever de resguardar a sua honra e a da sociedade em que vive.

Entendemos que, para os homens retratados na obra, as restrições são poucas ou praticamente inexistentes, aspecto que se confirma com a gravidez de Neide, mais uma das mulheres de Fio, quando, mesmo entendendo e reforçando práticas masculinas controversas, aprendidas, por sua vez, com o seu próprio pai, o pai da moça tem uma reação também patriarcal, pois se um homem engravida a uma “filha de família”, ele deve responsabilizar-se:

O pai dela, cabisbaixo e envergonhado da natureza masculina, que era a dele, recordou de sua juventude sempre arriscada junto às mulheres, e dos severos conselhos de seu pai. Aos homens honrados, tudo é permitido, menos engravidar uma moça de família e, se tal vergonha acontecesse, a solução seria o casamento para reparar o erro. Ele havia folgado com várias mulheres, nem cuidado tomava, pois todas já estavam na vida. E quando sentiu que era a hora, aos vinte e três anos, se casou com Floripes, a escolhida para ser a mãe de seus filhos. Havia feito tudo direitinho, e da mesma forma educava os seus dois filhos homens (Evaristo, 2022, p. 28).

Do ponto de vista do pai, a única restrição era aplicada às mulheres consideradas “honradas” para casar-se, e os filhos resultantes das relações com aquelas que estavam “na vida” já não seriam seus. Além disso, a forma com que trata essa liberdade quase irrestrita acaba por se transformar em uma norma, a ponto de entender a relação sexual como uma prática obrigatória. Um exemplo disso ocorre quando Fio, após perder a hora com Aurora, causando o atraso da linha férrea, decide, na próxima cidade, não se envolver com nenhuma mulher para evitar repetir o erro. Essa decisão, porém, gera questionamentos dos maquinistas, que, diante de uma atitude tão incomum para alguém jovem como Fio, perguntam se ele seria “mesmo homem”. Nesse comentário, assim como na passagem a seguir, fica evidente a necessidade de confirmação da masculinidade perante os pares, como mencionado por Segato (2021): “Descer era sempre encontrar algum corpo de mulher para experimentar o sabor da cidade, assim diziam os maquinistas

mais velhos. [...] Corpo-mulher, corpo-cidade, se tudo era uma coisa só, segundo os mais velhos, ele sairia de Remanso Velho em estado de total ignorância” (Evaristo, 2022, p. 52).

Para os maquinistas, homens mais velhos e experientes, havia a necessidade de, ao passar por um novo lugar, relacionar-se com uma mulher local. Essas mulheres, reduzidas a seus corpos, objetificadas expressariam aquilo que a nova cidade teria de melhor a oferecer para um homem. Essa norma é tão profundamente internalizada que a narradora sugere que Fio talvez já estivesse tão habituado a conquistar mulheres que o fazia de forma quase involuntária. Isso leva a um sentimento de incompletude, perceptível quando Dalva tenta compreender o rapaz: “Ela não precisava em nada do homem que estava ali com ela. Aliás precisava sim, de afetos. Mas seu príncipe negro parecia tão sozinho, tão desamparado, tão escorregadio em sentimentos para além de uma virilidade física que, uma vez satisfeita, aponta para o nada.” (Evaristo, 2022, p. 86).

A prática compulsiva de sexo, mencionada anteriormente, apresenta esta contradição: ainda que revele uma forma de poder, ao mesmo tempo expõe uma fraqueza. E mesmo construída a imagem do homem negro que rouba as mulheres, levando uma suposta vida de prazeres, isso acaba apenas por revelar aquilo que na verdade não consegue alcançar, a satisfação plena (Hooks, 2022).

É apenas no encontro com Eleonora Distinta de Sá que Fio irá ampliar sua visão sobre como se encontra, passando a entender suas próprias dores e a se importar com as dos outros também. Eleonora se diferencia das outras mulheres que ele conheceu, pois ela não se interessaria por ele, uma vez que também gostava de mulheres, surgindo daquela situação uma amizade:

Com Eleonora compreende que, para preencher o vazio que trazia de nascença no peito era preciso ter mais: ‘Eram precisos encontros’ – de alma, eu completo, não só de corpos. E Fio se dá conta das benesses do patriarcado, a razão de ser da luta das mulheres. Ao enfrentar uma crise de identidade, o rei-homem finalmente se vê nu; precisa refletir para recuperar a capacidade de ver e de se sentir em relação ao próximo. Enfim, aprender a associar ação com emoção. Até porque, a sociedade patriarcal submete não só as mulheres, mas também os homens (Duarte, 2020, p. 146).

Com isso, Fio Jasmim deixa de ser menino e torna-se finalmente homem, compreende que até então não teve consideração nem com ele e nem com as mulheres que conhecera. Agora, já diferente do pai, não sofre como ele por não ter mais a mesma virilidade de quando jovem, mas por não ter feito melhor uso dela, e é nesse ponto em que o personagem se humaniza (Duarte, 2020, p. 147).

A masculinidade tóxica, fardo do qual Fio Jasmim tentou se livrar, também é resultado da imagem de controle apresentada por Collins (2019), o controle dos corpos (de homens e principalmente de mulheres), daquilo que deveriam ser e fazer. Nas narrativas de Evaristo, não somente na obra aqui analisada, as mulheres resistem a essa opressão. Em *Canção*, Fio tem apenas a ilusão de controle, pois são as mulheres com quem se relaciona que decidem por si próprias suas vontades. A exceção é Pérola, a esposa, que cumpre o papel destinado à mulher, logo, é submissa aos desejos do marido.

É importante pontuar que homens negros seguem enfrentando uma série de violências – urbana, policial, carcerária, sexual, racial –, o que não pode ser minimizado e deve ser considerado em se tratando de analisar as reproduções de outras violências através da internalização de características estereotipadas tidas como constituintes do sujeito negro, as imagens de controle (Collins, 2019). Estereótipos que foram produzidos e reproduzidos pela colonialidade, esse mesmo sistema tenta convencê-los de serem os únicos responsáveis pelos problemas que os envolvem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentam-se, na primeira parte, as duas questões que impossibilitam os personagens homens negros de receberem os dividendos do patriarcado: os privilégios de raça e classe, uma vez que não fazem parte das categorias dominantes, com exceção do gênero. Para isso, são analisados os personagens homens negros, Fio Jasmim e os maquinistas, considerando-se as questões raciais e sociais, a autodescoberta enquanto negro e a atualização das formas de exploração de corpos negros após o fim da escravidão.

Na segunda parte, discutem-se questões relacionadas ao gênero, analisando mais especificamente dois aspectos vinculados ao estereótipo recorrente na literatura associado à imagem do homem negro: a violência patriarcal e a sexualidade, identificando como se desenvolvem no romance.

Com base na perspectiva de Segato (2018), enfatizamos a importância de não “guetificar” a questão de gênero, mas compreendê-la em um panorama mais abrangente, transcendendo a dicotomia homem-mulher e investigando como as dinâmicas de gênero se manifestam em seus contextos históricos específicos, moldando os papéis sociais performados por cada indivíduo. Observamos que a representação dos personagens

masculinos dialoga com o cenário social brasileiro contemporâneo, marcado pela articulação do racismo estrutural e do patriarcado, elementos que intensificam tensões e conflitos vivenciados pela população negra.

Argumentamos que é possível estabelecer uma conexão entre as experiências de homens negros com as opressões de classe e, principalmente, de raça com a causa feminista, identificando como essas vivências relacionadas ao gênero fazem parte da intersecção de opressões dessa categoria. Em sociedades patriarcais, os homens sempre aprende(ram) papéis que os restringem e confinam, quadro que se agrava quando somados às opressões de classe e raça (Hooks, 2022). O que poderia ser considerado um privilégio revela-se uma posição de subalternidade, para homens negros, o que na literatura de Evaristo aparece com intuito de problematizar e ultrapassar tais ocorrências, mostrando ao longo da própria narrativa caminhos para a alteração do quadro.

REFERÊNCIAS

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 458–463, 1995.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DOS SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-308, abr. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017>. Acesso em: 16 jan. 2025.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 134-151.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 16 jan. 2025.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Bhuvli Libanio. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, Bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução: Vinícius da Silva. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 16 jan. 2025.

LODGE, David. *El arte de la ficción*. Barcelona: Península, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A quem serve a relação de dominação da mulher pelo homem? In: SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987, p. 21-40.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye; trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. 1. ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Tradução: Danielli Jatobá, Danú Gontijo. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

OYÈWÚMÍ, Oyèrónké. Conceituado o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar, 2020, p. 84-95.

Recebido em: 27/02/2025

Aceito em: 30/04/2025

Luana Gabriela Paslawski: Doutoranda bolsista da FAPES no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, mestre pela mesma instituição e graduada em Letras – Português pela Universidade Federal de Rondônia.

Maria Mirtis Caser: Professora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo e atua como professora voluntária no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL - Ufes), onde desenvolve com orientandos do curso o projeto de pesquisa “Mulheres com todas as letras”.